

# Dinheiro, negócios e hobby confiscados

Desde os 15 anos, o corretor de imóveis Roberto Capuano, 46, presidente do Conselho Regional de Corretores de Imóveis (Creci) de São Paulo, preenche suas horas de folga com uma atividade não lucrativa: pintar. “Nunca vendi um único quadro”, diz ele, que acaba de abandonar seu divertimento: “Não tenho dinheiro nem para comprar tintas”. Além de seu dinheiro pessoal, também o capital de giro das 15 mil empresas do setor — inclusive a Roberto Capuano Imóveis — está bloqueado pelo Plano Collor e os clientes “sumiram instantaneamente”.

Capuano está, pois, às voltas com 37 mil corretores autônomos “que não sabem o que fazer”. Mas confia no Plano e acredita que em 90 dias o mercado volta ao normal. Nem por isso arrisca responder se convidaria o presidente a assinar seu quadro preferido, sobre o qual coleciona assinaturas de amigos. “Não me faça essa pergunta”, suplicou. “Ninguém sabe se teremos fôlego para superar esses três meses e a honra da assinatura de Col-



Mônica Richter/AE

*Capuano e sua tela abstrata, coberta de assinaturas: para trazer alegrias*

lor no quadro lembraria diariamente os 90 dias de angústia que me esperam.”

Para espairer, no domingo, Capuano atendeu ao pedido de dois de seus cinco filhos e foi passear. Escolheu o Parque da Água

Branca, “porque é grátis”, estacionou dentro dele “porque é grátis” e a custo cedeu ao pedido das crianças para comprar dois pastéis e dois guaranás. “Custou Cr\$ 100,00 e nunca chorei tanto por tão pouco”, recorda.